



92



VOCÊ SABIA?

A guerra tarifária em curso entre os Estados Unidos e a China reacende o interesse pelo estudo da Geoeconomia. Pedro de Pezarat Correia lembra que, em um contexto anterior, os estrategistas reconheciam a possibilidade de usar a economia como instrumento de coação na chamada “Estratégia Indireta” de uma guerra clássica. Modernamente, porém, o autor admite que a economia pode ser empregada de forma direta em uma “guerra econômica.

INFORMATIVO ESTRATÉGICO

EDIÇÃO 92- 10 DE ABRIL DE 2025

NESTA EDIÇÃO

- Guerra Rússia x Ucrânia

- Conflito no Oriente Médio

- Guerra comercial entre EUA e China

- Eleições presidenciais no Equador

- EUA e Irã discutem acordo nuclear

- Reunião da CELAC



Escalada de tarifas
Fonte - BBC

GUERRA RÚSSIA X UCRÂNIA

A guerra na Ucrânia chega ao 1.143º dia. A Rússia continua a atacar diariamente diversas cidades ucranianas com drones e mísseis. Por sua vez, as forças ucranianas mantêm ataques contra alvos russos em profundidade, como o campo de aviação Orenburg-2, situado a cerca de mil quilômetros da linha de contato, além de posições russas na região de Kursk e na Crimeia. Em relação aos movimentos na frente de combate, o comandante das forças ucranianas, general Syrskyi, declarou acreditar que a ofensiva russa de primavera já tenha se iniciado, pois suas tropas detectaram um aumento substancial das atividades militares da Rússia na porção nordeste da frente, especificamente nas províncias de Kharkiv e Sumy. No campo diplomático, o grupo de 51 países que apoiam a Ucrânia, conhecido como Grupo de Contato de Defesa da Ucrânia, reuniu-se hoje em Bruxelas para o 27º encontro desde o início do conflito. O grupo se comprometeu com uma rodada extraordinária de pacotes de ajuda militar para Kiev, avaliados em mais de 21 bilhões de euros (US\$ 23,8 bilhões) no total. A Alemanha contribuirá com mais da metade do novo financiamento - cerca de € 11 bilhões - a ser disponibilizado aos ucranianos até 2029.

CONFLITO NO ORIENTE MÉDIO

O conflito no Oriente Médio chega ao 553º dia. As forças israelenses estão atuando militarmente com grande intensidade na Faixa de Gaza. O ministro da Defesa, Israel Katz, afirmou que as Forças Armadas do país estão tomando grandes áreas daquele território e incorporando-as a zonas de segurança, com o objetivo de forçar o Hamas a libertar os reféns que ainda mantém sob seu poder. A declaração do ministro ocorreu no mesmo dia em que se noticiou que o plano do governo israelense é incluir a cidade de Rafah, um dos principais centros urbanos de Gaza, em uma zona-tampão que isolaria completamente o território palestino, privando-o de sua fronteira com o Egito. Militares israelenses divulgaram que o Hamas teria conseguido recrutar mais jovens palestinos e recompor suas fileiras militares, passando a contar atualmente com cerca de 40.000 combatentes. No campo interno, em mais um indício das crescentes divisões na sociedade israelense, as Forças Armadas anunciaram a dispensa de militares da reserva ativa que assinaram um manifesto, publicado em jornais do país, exigindo que o governo priorize a libertação dos reféns mantidos em Gaza, em vez da continuidade da guerra no enclave palestino — argumentando que o conflito, agora, serve mais a “interesses políticos e pessoais” do que à segurança nacional. O manifesto foi assinado por mil militares da Força Aérea israelense. Ao mesmo tempo, autoridades israelenses estimam que 700 mil habitantes de Gaza apoiariam o Hamas, 600 mil apoiariam o Fatah e 650 mil não apoiariam nenhuma organização. Segundo essas fontes, haveria pressão, especialmente por parte de clãs, para expulsar o Hamas da Faixa de Gaza. No entanto, elas não acreditam que essa pressão seja suficiente para promover uma mudança de regime no território.

Fonte - Observatório da Doutrina

GUERRA COMERCIAL ENTRE EUA E CHINA

O governo dos Estados Unidos implementou sua nova política tarifária, afetando seu relacionamento comercial com praticamente todos os países. O anúncio das medidas ocorreu em 2 de abril, provocando imediatamente uma forte reação dos mercados globais. Os critérios para a imposição das tarifas levaram em consideração, principalmente, o déficit ou o superávit comercial que os Estados Unidos mantêm com cada um de seus parceiros. Dessa forma, os valores aplicados variaram significativamente, entre 10% e 50%. Ao divulgar a nova medida, o presidente Trump alertou que seu país não admitiria tarifas retaliatórias e que, se isso acontecesse, novas tarifas seriam impostas. O governo chinês, entretanto, decidiu retaliar de imediato, impondo aos produtos americanos a mesma tarifa atribuída aos produtos chineses: 34%. Em resposta, os EUA impuseram novas tarifas adicionais, de 50%, elevando a taxação norte-americana sobre produtos chineses para 104%. Mais uma vez, a China reagiu, impondo os mesmos 50% adicionais. Essa escalada provocou pânico nos mercados internacionais. As 500 maiores empresas dos EUA perderam, entre 1º e 8 de abril, US\$ 8 trilhões em valor de mercado. Fortemente pressionado interna e externamente, o presidente Trump recuou e, em 9 de abril, determinou uma pausa de 90 dias nas tarifas já impostas e naquelas programadas para entrar em vigor. Entretanto, no mesmo pronunciamento, elevou ainda mais as tarifas sobre os produtos chineses, que chegaram a 145%. A decisão de Trump de voltar atrás nas tarifas para o restante do mundo — ao menos de forma temporária — e concentrar-se na China evidenciou a opção por uma verdadeira guerra comercial contra o país asiático. O último aumento norte-americano sobre os produtos chineses gerou outra retaliação da China, que elevou suas tarifas para 125% e declarou que, uma vez inviabilizado o comércio entre os dois países, simplesmente ignoraria novas elevações impostas pelos EUA. As consequências, segundo diversos economistas, devem extrapolar os dois adversários, afetando a economia de forma global.

ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS NO EQUADOR

No próximo domingo, 13 de abril, mais de 13,7 milhões de equatorianos decidirão os rumos da nação andina para os próximos quatro anos: o retorno do correísmo ao poder, com a candidata Luisa González, ou a manutenção do atual presidente, Daniel Noboa, no Palácio de Carondelet. González e Noboa, em posições opostas no espectro político, voltam a se enfrentar no segundo turno, tal como ocorreu nas eleições de 2023. O embate acontece em um contexto político e econômico adverso, marcado por uma grave crise de energia elétrica e por um cenário de violência criminal sem precedentes no país. As últimas pesquisas eleitorais sinalizam uma disputa acirrada. De acordo com o instituto Comunicaliza, há empate técnico: González teria 50,3% dos votos válidos, contra 49,7% de Noboa, considerando uma margem de erro de 1,42%.

Fonte - France Press - <https://www.france24.com/es/am%C3%A9rica-latina/20250408-elecciones-en-ecuador-los-puntos-clave-que-marcaran-la-recta-final-por-la-presidencia>

EUA E IRÃ DISCUTEM ACORDO NUCLEAR

No próximo sábado, 12 de abril, representantes dos governos dos Estados Unidos e do Irã devem se reunir em Omã para discutir o programa nuclear iraniano. Os EUA, que deslocaram bombardeiros furtivos B-2 para a ilha de Diego Garcia, no Oceano Índico, e enviaram a Força-Tarefa aeronaval liderada pelo porta-aviões Carl Vinson para a região do Oriente Médio — somando-se às forças navais já desdobradas sob o comando do porta-aviões Harry Truman — pressionam a República Islâmica a interromper seu programa nuclear. O presidente Trump declarou preferir uma saída diplomática, mas ameaçou bombardear o Irã “de uma forma jamais vista”, caso não seja alcançado um acordo. Já o principal objetivo do Irã nas negociações é obter alívio das sanções econômicas impostas pelos EUA desde 2018, quando o próprio presidente Trump, em seu primeiro mandato, retirou seu país do acordo nuclear com o Irã.

Fonte - Comissão Europeia - https://portugal.representation.ec.europa.eu/news/comissao-apresenta-livro-branco-sobre-defesa-europeia-e-plano-rearm-europeu/2020-2025-03-19_pt

REUNIÃO DA COMUNIDADE DE ESTADOS LATINO AMERICANOS (CELAC)

No dia 9 de abril, foi realizada em Tegucigalpa, Honduras, a 9ª reunião de cúpula da Comunidade de Estados Latino-Americanos (CELAC). A declaração final, assinada por 30 de seus 33 membros — com Nicarágua, Paraguai e Argentina não subscrevendo o documento — rejeita “a imposição de medidas coercitivas unilaterais contrárias ao direito internacional, incluindo as restritivas ao comércio internacional”, em referência às tarifas alfandegárias impostas pelos Estados Unidos. A falta de unanimidade é pouco usual em um fórum que costuma exigir consenso dos 33 países-membros para esse tipo de comunicado.

Fonte - Folha de S. Paulo - <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2025/04/cupula-da-celac-da-recado-a-trump-em-declaracao-final-sem-nicaragua-paraguai-e-argentina.shtml>



Para pensar...



“A guerra não se faz com ofícios, dúvidas e consultas”

General Osório